

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

A REPRESENTAÇÃO DE FUTURO NA OBRA LITERÁRIA ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Ivan Ramires Carvalho

Orientador: Adolar Koch

Porto Alegre
2014

Ivan Ramires Carvalho

A REPRESENTAÇÃO DE FUTURO NA OBRA LITERÁRIA ADMIRÁVEL MUNDO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História

Orientador: Adolar Koch

Porto Alegre
2014

“O perigo do passado era os homens se tornarem escravos. O perigo do futuro é que os homens se tornem autômatos.” (Eric Fromm)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao professor Adolar Koch pela paciência, atenção e interesse na orientação ao meu trabalho; sem ele, provavelmente, esse trabalho não teria saído do projeto. Também preciso agradecer aos meus amigos e irmãos, Marcos Luft, Paulo Azevedo, Thiago Mauer, Jonas Peluffo, Luciano Barbosa, Rodrigo Eidelwein, Vítor Carvalho e Gabriel Carvalho pela amizade e pelos momentos de descontração durante a realização desse trabalho.

Quero agradecer profundamente aos meus pais, Kylzo e Sônia, por todo amor e ajuda que me deram até aqui, ambos responsáveis pela minha existência e pelo que há de melhor em mim.

E por fim, agradeço a todos que passaram pela minha vida e que de uma forma ou outra me ajudaram a ser quem eu sou.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar a representação de futuro na obra de ficção científica Admirável Mundo Novo do autor Aldous Huxley. Na análise dessa representação do futuro surgem algumas questões: até que ponto o autor foi influenciado pelos fatos de sua época e como questões levantadas nessa época podem ser pertinentes 83 anos depois.

Palavras-chave: Representação, futuro, distopia, história, literatura,

Abstract

This study aimed to analyze the representation of future work of science fiction Brave New World author Aldous Huxley. In the analysis of this representation as to the future other problems arise as to what extent the author was influenced by the events of his time, and how that still issues raised at that time may be relevant 83 years later.

Keywords: Representation, future, dystopia, history, literature

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - Sobre o Autor e a Obra	8
1.1 Sobre o Autor	8
1.2 Enredo do livro	12
CAPÍTULO 2 - Discussão Teórica	13
2.1 Teoria e conceitos	13
2.2 Id, Superego e o complexo de Édipo	16
2.3 Futurismo	18
2.4 Fordismo	21
CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
ANEXOS	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A..M.N.-Admirável Mundo Novo
D.I.C.-Diretor do Centro de Incubação
A. M.- Administrador Mundial
E.M.- Estado Mundial

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa surgiu após a leitura da fonte, a obra literária Admirável Mundo Novo do escritor britânico Aldous Huxley. Publicada em 1932, a obra narra uma história em uma história em um futuro imaginado no qual os problemas atuais como fome, guerra, doenças foram eliminados ao mesmo tempo em que conceitos importantes como família ou amor foram obliterados.

Este futuro criado pelo autor discute uma expectativa negativa a partir de fragmentos do seu presente: o modelo de produção fordista, as ideias psicanalíticas de Freud, o movimento artístico italiano, Futurismo. Um futuro em que o ser humano não é livre para escolher a forma de organização de vida tanto coletiva como individual, sendo que cada momento do indivíduo é guiado para a função que ele irá desempenhar futuramente nessa sociedade.

Criada para suscitar questionamentos, esta obra de caráter distópico leva uma reflexão interna do leitor sobre se os fins justificam os meios? Sacrificar a liberdade, o conceito de família (nenhuma forma de família deve existir), e a arte introspectiva em prol de um mundo pacífico e em ordem? Esse questionamento feito na obra, essa visão de futuro não são questões saídas ao acaso da cabeça do autor e sim também uma preocupação de um homem inserido em um determinado contexto, um testemunho da expectativa que alguém como Aldous Huxley poderia ter a respeito do futuro. Com isso em mente fiz a pesquisa e refleti sobre o contexto em que ele estava inserido, as ideias e conceitos presentes na obra, como a de Freud a respeito da civilização (a questão do benefício e prejuízos da mesma sobre o indivíduo), o modelo de produção fordista e o Futurismo italiano e tentei descobrir até que ponto o que estava representado na obra fazia parte do real, o que de fato foi usado para representar futuro. Especificamente no primeiro capítulo, escrevo sobre o autor e a trama do livro. No segundo capítulo faço a abordagem dos conceitos de representação, expectativa e de como é feito o uso deles na análise da obra. Também analiso os conceitos de Freud, Ford e do Futurismo ao mesmo tempo em que faço uma reflexão sobre a representação desses conceitos na obra e o seu correspondente real.

CAPÍTULO 1 - Sobre o Autor e a Obra

1.1 Sobre o Autor

Nascido¹ em Godalming em 26 de julho de 1894 e falecido em Los Angeles em 22 de novembro de 1963 o autor, Aldous Huxley, faz parte de uma família de acadêmicos. Seu avô Thomas Huxley foi um grande defensor das ideias evolucionárias de Darwin; seu pai Leonard Huxley, biólogo; sua mãe Julia Arnold, a primeira mulher a estudar em Oxford. Boa parte de sua família estava inserida no meio acadêmico mais precisamente no setor das ciências naturais, um fator que provavelmente teve relevância em sua crítica em A.M.N.

Huxley foi um humanista, pacifista e satirista. Ele tornou-se profundamente preocupado com a ideia de que as pessoas pudessem ser subjugadas através de sofisticado uso de meios de comunicação e de drogas para alterar o humor ou pelo uso antiético de tecnologias.

Huxley iniciou seu aprendizado no laboratório do pai e estudou na Hillside School Malvern. Sua professora era sua mãe, que o supervisionou por vários anos até o momento em que ela ficou doente terminal. Após Hillside, ele foi educado na faculdade de Eton. A mãe de Huxley morreu em 1908 quando ele tinha 14 anos. Em 1911 ele sofreu de uma doença (keratiti punctata) que o deixou cego por três anos. Aldous se voluntariou para o exército no período de paz entre as duas grandes guerras, mas foi rejeitado por ser meio cego em um olho. Após a parcial recuperação de sua visão ele estudou Literatura Inglesa na faculdade de Balliol em Oxford. Em 1916 editou “Oxford Poetry” e após isso se graduou com honras. Ensinou francês por um ano em Eton, onde teve como alunos Eric Blair (que mais tarde se tornaria George Orwell) e Steven Runciman, mas infelizmente ele ficou marcado como professor incompetente que não conseguia manter a disciplina. De qualquer maneira, Blair e os outros se impressionaram com suas palavras.

Ele presenciou a ascensão de Mussolini e o surgimento do primeiro Estado fascista, o que se tornaria regra e não exceção no contexto europeu. Hobsbawm em “A Era dos Extremos” discorre sobre a queda do liberalismo no período entre a primeira e segunda guerras mundiais:

“mesmo assim, os regimes liberais representativos eram bastantes frequentes. E no entanto os 23 anos entre a chamada “Marcha sobre Roma” de Mussolini e o auge do sucesso do Eixo na Segunda Guerra Mundial viram uma retirada acelerada e cada

¹ As informações a respeito do autor foram retiradas da Wikipédia.

vez mais catastrófica das instituições políticas liberais. Em 1918-20, assembleias legislativas foram dissolvidas ou se tornaram ineficazes em dois Estados europeus, na década de 1920 em seis, na de 1930 em nove, enquanto que a ocupação alemã destruiu o poder constitucional em outros cinco durante a Segunda Guerra Mundial. Em suma, os únicos países europeus com instituições políticas adequadamente democráticas que funcionaram sem interrupção durante todo o período entreguerras foram a Grã-Bretanha, a Finlândia (minimamente), o Estado Livre Irlandês, a Suécia e a Suíça.”²

O primeiro ponto a ser frisado sobre a fonte é que é uma obra literária de ficção científica distópica. A ficção científica surge como gênero literário no século XIX e trata do assunto de como a ciência impacta a sociedade e o indivíduo. Não é necessário que seja uma ciência plausível e muitas vezes ela é extrapolada com um fator que nunca muda: a sociedade, os indivíduos, a situação em que os protagonistas estão envolvidos são graças a essa ciência. Por exemplo: no livro 1984, são as “televisões/câmeras” usadas para vigiar os funcionários do Partido; os robôs inteligentes dos romances de Isaac Asimov ou a máquina do tempo no romance de H.G. Wells.

Escrita em 1931, a obra está em um contexto de entre guerras, surgimento de regimes totalitários, do movimento artístico Futurismo, surgido na Itália e dentro de um período de descobertas e que incertezas nas ciências onde convicções na matemática e física já haviam desmoronado³. A princípio, segundo Aldous Huxley, sua intenção era criar uma sátira depois de ler “Like Gods and Man” de H.G. Wells mas depois, durante o processo criativo, a obra ganha o caráter de distopia científica com essa característica assustadora de ser um mundo sem vários problemas os quais consideramos graves (aparentemente uma utopia) e ter o dilema proposto (o que a torna uma distopia).

Primeiramente, é necessário explicar que utopia, palavra inventada por Thomas Morus, tem o significado de um lugar perfeito, uma sociedade justa, feliz, um objetivo a ser alcançado pela humanidade. Em grego a palavra “tópos” tem o significado de lugar enquanto que o prefixo “u” tem o significado de negação, criando o sentido literal de “lugar que não existe”. Nesse caso, o termo distopia, pronunciado pela primeira vez no parlamento inglês por Stuart Mill, onde “dis” é dor, tem o significado de lugar doloroso, lugar no qual não se quer estar.

Em AM.N., classificada como uma distopia, temos uma sociedade que existe graças a tecnologias avançadas que impedem a violência, a fome, doenças e velhice. Aparentemente

² HOBBSAWM, 2008, P.115

³ Segundo Hobsbawm no capítulo “Certeza solapada: As ciências” em a Era dos impérios, o modelo do “arquiteto”, a certeza de que se terminaria o “prédio” da ciência. Um exemplo disso é a crise do universo galileiano ou newtoniano da física (que perdurou sem crise até 1895) que seria substituído pelo universo einsteiniano.

uma utopia, porém conforme a leitura avança, percebe-se que aquela sociedade tem problemas os quais existem em prol de "os fins justificam os meios".

Esse mundo tem características muito próprias. Inicialmente, é necessário explicar que não existem mais países e sim o Estado Mundial que regula diferentes partes do mundo uniformemente; regionalmente é dividido pelos “centros”, sendo o mundo agora um lugar pacífico, sem diferenças entre membros de uma mesma casta ao redor do planeta. Entretanto, existem particularidades assustadoras para o leitor da obra.

A primeira diferença é que os seres humanos não nascem de maneira "natural", eles são gerados em laboratórios e divididos em castas. O processo de criação dos indivíduos das castas mais baixas, Delta, Gama e Ípsilon é feito através do Processo Bokanovsky no qual um óvulo fecundado gera até 96 indivíduos.

As castas são: Alfa, Beta, Gama, Delta e Ípsilon sendo que a casta Alfa é a que formará o corpo de dirigentes desse mundo enquanto Betas e Gamas farão serviços técnicos e Deltas e Ípsilons executam os trabalhos mais braçais. Nos laboratórios, esses indivíduos de diversas castas serão produzidos e moldados para trabalhos já determinados antes de sua criação como se fossem máquinas.

Por mais aptos que eles sejam para o serviço que irão executar no futuro dessa sociedade, ainda existe a questão da mente de cada um desses indivíduos. Como fazê-los aceitar a situação? Nesse instante é apresentada outra particularidade que nos mostra uma visão de ciência behaviorista, educação e a propaganda (tanto a normal quanto a ciência hipnopedica). A hipnopedia é a ciência da repetição de frases comportamentais durante o sono a fim de moldar o comportamento dos indivíduos.

“Não exatamente como gotas de água, conquanto esta, na verdade, seja capaz de cavar buracos no granito mais duro; mas antes, como gotas de lacre derretido, gotas que se aderem e se incorporam àquilo sobre o que caem, até que, finalmente, a rocha não seja mais que uma massa escarlate.”⁴

Juntamente com a propaganda hipnopedica, uma educação behaviorista era dada a essas crianças, criando uma atração ou repulsão a determinadas objetos e sensações, condicionando o futuro desses indivíduos.

“os mais rápidos engatinhadores já haviam alcançado o alvo. Pequenas mãos se estenderam incertas se tocaram, pegaram. despetalando as rosas transfiguradas, amarrotando as páginas iluminadas dos livros. O diretor esperou que todos estivessem alegremente entretidos. Depois disse:
- Observem bem - E, levantando a mão, deu o sinal.

⁴ HUXLEY, 2008, P. 40

A enfermeira-chefe, que se encontrava junto a um quadro de ligações na outra extremidade da sala, baixou uma pequena alavanca. Houve uma explosão violenta. Aguda, cada vez mais aguda, uma sirene apitou. Campainhas de alarme tilintaram, enlouquecedoras. As crianças sobressaltaram-se, berraram; suas fisionomias estavam contorcidas pelo terror.”⁵

E se tudo isso falha, existe o "soma", droga que não tem nenhum efeito colateral negativo sobre o usuário e é distribuída a todos pelo Estado Mundial, como mais uma forma de satisfazer e tornar os indivíduos entorpecidos com esse mundo de prazeres supérfluos. “Com um centímetro cúbico se curam dez sentimentos lúgubres - disse o Predestinador- Adjunto, citando um aforismo comum da sabedoria hipnopédica.” (HUXLEY, 2008, P. 69)

Apesar de todo monitoramento dessa sociedade totalitária controlada à base de droga, educação e manipulação genética (que sabemos hoje que é genética) não se consegue impedir totalmente a reflexão e o desajuste de indivíduos que se tornam "marginais". Exatamente por refletir e ter a sensação de algo estar errado, que é possível ser, ter mais, como Helmholtz que deseja escrever algo mais que versos vazios ou Bernard que quer experimentar sentimentos, amadurecer. Para esses casos de desajustes existe a extradição para ilhas onde as pessoas vivem com outros indivíduos que estão na mesma situação de desarmonia com as normas sociais. “É uma sorte - acrescentou, após uma pausa - que haja tantas ilhas espalhadas pelo mundo. Não sei o que faríamos sem elas. Seríamos obrigados a metê-los todos em uma câmara de gás, suponho.” (HUXLEY, 2008, pg. 277)

Mais raros que a extradição para as ilhas, eram os distúrbios violentos que necessitavam da intervenção de um corpo policial para reprimir esses momentos. Isso só mostrado quando, em um momento de catarse, o Selvagem atira pela janela a ração de soma destinada aos operários Delta. Somente nesse momento, na obra, aparece o corpo de policiais para reprimir e que, para a surpresa do leitor atual, em vez de se usar violência como visto em manifestações no Brasil nessa última década, usa sprays de *soma*, literalmente drogando todos que participavam daquele momento de desordem. Ao mesmo tempo, pelos alto-falantes do prédio, a mesma voz usada para a propaganda pelo sono inicia a repetição de frases hipnopédicas com o objetivo de acalmar os ânimos de todos fazendo chorar os rebeldes e os policiais sem distinção

1.2 Enredo do livro

⁵ HUXLEY, 2008, P. 31

A trama de A.M.N. centra em três personagens: Bernard Marx, Helmholtz Watson e John, o Selvagem. O primeiro protagonista apresentado na trama, Bernard Marx (psicólogo especializado em hipnopédia) tem um defeito: é 10 centímetros mais baixo que as outras pessoas de sua casta (a altura das castas é um fator determinante no tratamento social devido ao condicionamento hipnopédico), o que infunde nele um sentimento de inferioridade que o faz questionar seu mundo, agir de forma estranha e ser considerado anormal pelos seus pares. Nessa situação, Bernard apenas pode conversar com seu amigo Helmholtz Watson engenheiro social (professor do Colégio de Engenharia Emocional), que diferente de Bernard, tem excesso de capacidade, tanto na vida social como profissional. Esse excesso criou nele um sentimento de insatisfação, pois nessa realidade ele fica impedido de utilizar todo seu potencial.

Bernard, devido ao seu comportamento e ideias estranhas (parar de usar o soma e teorizar que o sofrimento faz as pessoas amadurecerem), passa pelo perigo de ser mandado para um centro afastado, a Islândia, e durante suas férias junto com Lenina - uma Beta - ele descobre algo improvável e que irá salvá-lo de ser mandado para a Islândia: a Beta (Linda), que no passado o D.I.C. havia levado a uma reserva nas férias e tinha se perdido, estava lá e tivera um filho dele. Com essa oportunidade em mãos, Bernard se aproxima de John (o filho do D.I.C.) e o convence a ir a Londres, já que devido a John ser diferente (ter aparência de um Alfa, saber ler e adorar recitar Shakespeare) ele é hostilizado e ostracizado da vida social na reserva.

Em Londres no Centro de Incubação, Bernard os apresenta para o D.I.C. de acordo com seu plano de desmoralizá-lo, fato fácil pelo nojo que todos os presentes têm por Linda (que estava gorda e velha) e por John, emocionado, chamá-lo de pai em voz alta, fazendo todos no Centro caírem na gargalhada.

Bernard se torna o curador credenciado de John e finalmente passa a receber atenção de forma positiva. Secretamente, o Selvagem se torna em um experimento antropológico no qual Bernard é o responsável por observar e relatar ao A.M. O choque cultural que o Selvagem passa todos os dias naquela sociedade o faz questionar o sentido daquela civilização. John era incapaz de entender a atitude promíscua de Lenina (pela qual ele se apaixonara) e a razão dela não compreender seu amor (conceito inexistente nessa sociedade) ou por que as pessoas queriam ficar entorpecidas de soma ao invés de enfrentarem a dor.

No ápice de seu amargor devido à morte da mãe, ele se revolta atirando o soma de Deltas pela janela, ocasionando a entrada da tropa de "choque", que prende John, Helmholtz e Bernard. Isso leva, finalmente, à interessante conversa com o Administrador Mundial

Mostafá Mond na qual questionamentos do Selvagem e de Helmholtz são respondidos: a falta de livros, por que os engenheiros emocionais escrevem apenas sobre assuntos supérfluos, o motivo de não existir um culto a Deus, por que não são criados apenas sujeitos Alfa-mais. Após essa conversa que esclarece pontos relevantes sobre o A.M.N., Bernard e Helmholtz são extraditados para as ilhas e John fica impedido de voltar à reserva, permanecendo como um experimento antropológico. Irritado e convicto de que deve se isolar daquela realidade doentia, ele se muda com permissão do A.M. para um farol isolado. Infelizmente para ele, jornalistas e curiosos começam a persegui-lo para observar seu dia a dia, aborrecendo-o mais ainda. Proibido de voltar para a reserva, convicto de que viver na sociedade civilizada somente lhe faria mais mal, o Selvagem só tem uma alternativa: fugir. Porém, fugir era quase impossível a não ser que a fuga fosse através do suicídio o qual ele pratica no fim da obra.

“A porta do farol estava entreaberta. Empurraram-na e entraram numa penumbra de janelas fechadas. Por um arco na outra extremidade do local viam-se os primeiros degraus da escada que levava aos andares superiores. Exatamente sob o fecho do arco pendiam dois pés.”⁶

CAPÍTULO 2 - Discussão Teórica

2.1 Teoria e Conceitos

Imaginar o futuro: besteira para alguns; para outros um sonho a ser perseguido ou simplesmente a possibilidade de vislumbrar o futuro caso “x” caminho seja tomado. Entretanto, para o historiador, esse futuro imaginado é importante por ser um testemunho das expectativas dos homens em um determinado tempo e contexto. A Bíblia dá sua versão do futuro da humanidade (por mais ficcional que seja com seus juízos finais e apocalipses). Outras religiões antigas, como a nórdica, previam que o mundo acabaria numa batalha furiosa e que ao fim dessa batalha quatro deuses reviveriam e a humanidade continuaria a existir em um mundo novo. Podem ser histórias infantis para nós com nosso tipo de raciocínio e tecnologia; no entanto, essas mesmas histórias nos revelam os medos, códigos sociais e esperanças daqueles povos.

O mesmo pode ser dito a respeito do material cultural que produzimos atualmente: música, livros, filmes, animações. Todas elas são fontes preciosas para o historiador, no

⁶ HUXLEY, 2008, P. 313.

futuro, estudar sobre nosso imaginário em relação a diferentes assuntos. Pois bem, nesse trabalho, o estudo se dá em cima da obra Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley que, em um determinado momento e contexto da humanidade, produziu uma obra perturbadora sobre o futuro. Um futuro possível para a humanidade se certos pontos essenciais do que nos torna humanos, e não máquinas forem esquecidos. Esse futuro está claro para o leitor, mas, ao mesmo tempo, talvez não sejam claras as representações que o autor criou e colocou em sua obra.

No dicionário, a palavra representação (do verbo representar) tem o sentido de servir como um substituto, um agente de outrem, apresentar em palavras, simbolizar. Nesta obra, A.M.N, todas as representações que o autor faz têm referência ao real ao mesmo tempo em que fazem parte de uma construção a partir da realidade mental de Aldous Huxley. Como Sandra Pesavento escreveu:

“A representação é um conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção a partir dele.”⁷

A realidade mental, a qual é citada acima, refere-se à parte intelectual do autor, um homem de uma família de acadêmicos e literatos, atento ao mundo e sua época e que claramente estava preocupado com o futuro a partir de suas reflexões. Como resumido por Pesavento a respeito da ideia de Chartier em o Mundo como Representação: “Não é possível entender uma história cultural desconectada de uma história social, posto que as representações são produzidas a partir de papéis sociais.” (PESAVENTO, 1995, P. 18.)

O que Pesavento quer dizer aqui é que nenhuma representação criada é desvinculada da realidade; só que não como um espelho perfeito que reflete o real sem falhas. O real de fato tem influência sobre o fictício, sobre a representação e se refletimos esse fictício, essa obra literária tem um impacto sobre o real de alguma forma, seja como um alerta ou até mesmo como um desejo para o leitor que anseia por estabilidade e pelo fim de vários problemas que afligem a humanidade (mesmo que tenha que abrir mão, por exemplo, da individualidade e da liberdade).

“Para o fato de que o passado já nos chega como texto e como leitura já feita, a decifração deste discurso se dará pelo esforço de ler um texto sob um outro

⁷ PESAVENTO, 1995, P.40

texto”(PESAVENTO, 1995, P.19). Claramente, Admirável Mundo Novo está repleto dessas camadas de um texto sobre outro texto, dessas imagens evocadas da memória. Um mundo em que Deus é substituído até mesmo na interjeição por Ford revela “expectativa” do autor quanto ao futuro. Obviamente, não pelo fato do deus cristão ser substituído nos momentos de interjeições evocativas e sim por ele ser substituído por um homem que introduziu uma forma de pensar desvalorizadora e alienadora para os funcionários em sua fábrica.

Entretanto, Ford por vezes é substituído por Freud, outro grande pilar dessa sociedade, uma sociedade em que a liberdade para amar e para decidir sobre o próprio corpo (tanto no nascimento quanto ao escolher fazer sexo ou não) é controlada por diversos meios. Sob esses dois pilares, sob essa representação de que valores a sociedade do futuro adotará, podemos constatar o medo do escritor britânico quanto ao futuro. E quando se produz uma obra literária em um mundo que se torna globalizado passo a passo e em que o número de analfabetos diminui, essas representações criadas pelo autor passam a fazer parte dos medos e sonhos dessas pessoas. A “expectativa” do autor passa em parte a ser a expectativa de seus leitores.

“A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e preservada uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concedida como conhecimento de experiências alheias”⁸

“Expectativas” (Kosseleck) correspondem a todo um conjunto de sensações e antecipações que se referem ao que virá. Nossos medos, esperanças, ansiedades, desejos, nossas inquietudes e confianças - tudo que aponta para o futuro, faz parte do “horizonte de expectativas”. Além de ser constituída por nossa sensibilidade é também constituída por nossa racionalidade. Entendendo expectativa e experiência podemos raciocinar que um “registro de experiência” de um passado pode criar uma “expectativa”. Segundo Kosseleck:

“Podemos citar um exemplo bem simples: a experiência de execução de Carlos I abriu, mais de um século depois, o horizonte de Turgot, quando ele insistiu com Luís XVI que realizasse as reformas que o haveriam de preservar de um destino semelhante. O alerta de Turgot ao rei não encontrou eco. Mas entre a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas”⁹

⁸ KOSSELECK, 2006, P. 309-310.

⁹ KOSSELECK, 2006, P. 308-309.

2.2 Id, Superego e o complexo de Édipo

Freud, referência nessa sociedade, tinha reconhecido uma batalha interna que ocorre diariamente dentro de cada indivíduo e em “O Mal Estar da Civilização” ele discorre sobre esse conflito entre o Id e o Superego. O Id, dentro da psiquê humana representa a sede dos subconsciente dos instintos e exige gratificação constante representando a parte mais irracional, desconhecendo valores, desconhecendo o certo e o errado. A gratificação constante a qual o Id exige constantemente é o sexo, a eliminação da dor e da fome e quando se negam essas coisas que extravasam as energia instintivas, as pessoas tornam-se infelizes, frustradas e irritadas. Freud explica que o maior prazer do ser humano é o sexo, porém praticado em excesso esgota a energia psíquica necessária para o trabalho intelectual, artístico e as energias do trabalho necessárias para preservação da vida em sociedade. O Superego seria o oposto do Id, representando a parte moral da psiquê humana e os valores sociais e tem como objetivo sempre inibir os impulsos contrários às regras e ideais por ele ditado, de forçar o Ego (mediador entre a realidade, o Id e o Superego) a se comportar de maneira moral e a buscar a tornar o indivíduo perfeito na questão moral (comportamento social).

Em o “Mal Estar da Civilização”, Freud postula a existência do conflito entre os impulsos instintivos do Id e as exigências que a civilização faz.

Segundo ele, esse conflito é doloroso e cria um impasse, pois a negação da plena gratificação dos instintos exigida pela sociedade gera frustração e a violação das regras sociais cria sentimento de culpa. O indivíduo nessa situação sofre de dois modos e a neurose é a consequência desse sofrimento, do preço que a civilização exige. Freud via esse conflito como um mal necessário, que a vida em sociedade apesar de criar sofrimento pela não satisfação do Id ainda era melhor que a alternativa. O A.M.N. tenta evitar ao máximo o surgimento das neuroses, desse conflito interno que surge entre impulsos primitivos versus vida em sociedade através do equilíbrio entre trabalho e gratificação, promovendo como valores fundamentais a promiscuidade e a repulsão ao conceito de família como se pode perceber nessa passagem:

“O lar, a casa -algumas peças exíguas, onde se apinhavam, de maneira sufocante, um homem, uma mulher periodicamente prolífica, um bando de meninos e meninas de todas as idades. Falta de ar, falta de espaço; uma prisão insuficientemente esterilizada; a obscuridade, a doença e os cheiros. (A evocação feita pelo administrador era tão vívida, que um dos rapazes, mais sensível que os outros, só com a descrição empalideceu e esteve a ponto de vomitar.)”¹⁰

¹⁰ HUXLEY, 2008, P. 49

Na obra do autor britânico, a família não existia, as crianças eram todas cuidadas em instituições, desconhecendo o sentido positivo que damos a palavra família. Essa realidade foi grandemente influenciada pelas teorias de Freud, um dos pilares dessa sociedade. Especificamente essa parte da família e os malefícios causados por ela tem base na formulação de Freud do “complexo de Édipo”.

“Nosso Ford - ou nosso Freud, como, por alguma razão inescrutável, preferia ser chamado sempre que se tratava de assuntos psicológicos - Nosso Freud foi o primeiro a revelar os perigos espantosos da vida familiar. O mundo estava cheio de pais - e, em consequência, cheio de aflição; cheio de mães - e, portanto, cheio de toda espécie de perversões, desde o sadismo até a castidade; cheio de irmãos e irmãs, de tios e de tias - cheio de loucura e suicídio.”¹¹

O complexo de Édipo, é um conceito fundamental na psicanálise de Freud, é entendido como universal. O complexo de Édipo caracteriza-se por sentimentos contraditórios de amor e hostilidade do filho. Metaforicamente, esse conceito é visto como amor à mãe e ódio ao pai assim como no mito grego ao qual Freud usou para nomear esse complexo. Uma vez que o ser humano não pode ser concebido sem um pai ou uma mãe, a relação neste triângulo é, segundo a psicanálise, a essência do conflito de cada indivíduo.

A idéia central do conceito de complexo de Édipo inicia na ilusão de que o bebê tem que receber proteção e amor total, reforçado pelos cuidados intensivos que o bebê recebe pela sua condição frágil. Essa proteção está relacionada, de maneira mais significativa, com a figura materna que gerou a criança, amamenta e cuida enquanto o pai está trabalhando. Em torno dos três anos, a criança começa a entrar em contato com algumas situações em que as proibições começam a acontecer. A criança passa a receber limitações como não poder mais dormir na cama dos pais, não andar nua, comportar-se em público de uma maneira adequada. Também passa a receber incentivos, por conseguir realizar funções como ir ao banheiro sozinha, por exemplo. Nesse momento, a criança começa a perceber que não é o centro do mundo e precisa renunciar à ilusão de mundo e da exclusividade da proteção e do amor materno.

O complexo de Édipo caracteriza a diferenciação do sujeito em relação aos pais. A criança começa a perceber que os pais pertencem a uma realidade cultural diferente e que não podem dedicar-se apenas a ela porque estão em outra realidade (trabalhar, preparar o alimento...). A figura do pai representa a inserção da criança na cultura, e esta também percebe que a mãe pertence ao pai e começa a se ressentir dessa posse do pai sobre a mãe.

¹¹ HUXLEY, 2008, P. 51

Esses sentimentos são contraditórios porque a criança também ama essa figura que hostiliza. A diferenciação do indivíduo passa pela identificação da criança com um dos pais. Na identificação positiva, o menino identifica-se com o pai e a menina com a mãe, sendo que o menino tem o desejo de ser forte como o pai e querer separar o pai da mãe, por ciúmes. A menina é hostil à mãe pelo motivo inverso: ela quer possuir o pai. Entretanto, ela quer ser parecida, competir com a mãe e, ao mesmo tempo, sente medo de perder o afeto dela. Na identificação negativa, o medo de perder aquele a quem hostilizamos ou de não ser amado faz com que a identificação aconteça com a figura de sexo oposto e isso pode gerar comportamentos homossexuais. Segundo Freud, sem o complexo de Édipo, os instintos seriam mais fracos e menos problemas derivados da privação desse desejo surgiriam.

Em uma sociedade que pretende ser estável é necessário evitar o aparecimento de neuroses; neuroses que podem ser causadas pela existência dessa prática cultural a qual chamamos de família. Tanto que, em A.M.N., a ideia de ser pai era como uma piada obscena e suja, e de ser mãe era algo grotesco, imundo e doentio. Além do que, não havia nenhum interesse do Estado Mundial a que surgissem pessoas fora do seu processo de fabricação (sim, podemos comparar as pessoas nessa realidade a máquinas sendo produzidas parte por parte, desde a concepção até a fase adulta) e que tivessem possibilidade de agir por impulsos criados a partir do complexo de Édipo. Uma das coisas impressionantes da criação dessa ficção é ver como um indivíduo (nesse caso Aldous Huxley) capta a apreensão da realidade de Freud e em um exercício de imaginação e de inquietação, cria uma existência fictícia supondo que isso possa acontecer em um panorama futuro em nossa realidade. Como dito pelo A.M. “- Estabilidade - disse o Administrador. - Estabilidade. Não há civilização sem estabilidade social. Não há estabilidade social sem estabilidade individual.”.

2.3 Futurismo

O Futurismo, movimento artístico e social, origina-se na Itália no começo do século XX. O movimento glorificava temas associados com conceitos contemporâneos de futuro e também velocidade, tecnologia, juventude, objetos e construções como o carro, o aeroplano a cidade industrial (todos resultados da tecnologia contemporânea). Foi um fenômeno italiano, apesar de ter existido movimentos paralelos na Rússia e Inglaterra. Os futuristas praticavam várias modalidades de arte: pintura, escultura, cerâmicas, design gráfico, design industrial,

design de interiores, design urbano, teatro, filmes, moda, têxteis, literatura, música, arquitetura e mesmo gastronomia. As figuras chave desse movimento eram os italianos Filippo Tommaso Marinetti, Umberto Boccioni, Carlo Carrá, Gino Severini, Giacomo Balla, Antonio Sant'Elia, Bruno Munariand, Luigi Russolo, e os russos Natalia Goncharova, Velimir Khlebnikov, Igor Severyanin, David Burliuk, Aleksei Kruchenykh e Vladimir Maiakovski, assim como o português Almada Negreiros. O Futurismo influenciou movimentos artísticos como Art Deco, Construtivismo, Surrealismo, Dadaísmo, Raionismo, Precisionismo, Vorticismo.

O Futurismo por Marinetti expressou uma repugnância a tudo que era velho, especialmente tradições políticas e artísticas. Repudiava o culto ao passado, repúdio bem descrito nesse trecho do manifesto futurista de Marinetti:

“Museus: cemitérios! ... Idênticos, na verdade, pela sinistra promiscuidade de tantos corpos que não se conhecem. Museus: Dormitórios públicos em que se descansa para sempre junto a seres odiados ou desconhecidos! Museus: absurdos matadouros de pintores e escultores, que se vão trucidando ferozmente a golpes de cores e linhas, ao longo das paredes disputadas”¹²

Em várias partes de A.M.N. percebe-se que a sociedade é exatamente como os futuristas desejavam ou tinham como ideal. Todas as formas de entretenimento culturais eram supérfluas: apenas tecnologias que não levavam à reflexão. Pode-se ver um ideal futurista que expresso no manifesto futurista de Marinetti também no diálogo entre o Selvagem e o Administrador Mundial:

“ - Mas porque ele está proibido? - perguntou o Selvagem. Na excitação de conhecer um homem que havia lido Shakespeare, esquecera momentaneamente de tudo mais. O administrador deu de ombros.
- Porque é antigo; essa é a razão principal. Aqui não queremos saber de coisas antigas.”¹³

Apesar das similaridades entre o Futurismo de Marinetti e a sociedade de A.M.N é preciso recordar que a representação é construída a partir da realidade, seja ela coletiva ou individual, e não um reflexo da mesma. Por similaridade percebe-se o erradicação do passado: “Nós queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda natureza e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária”¹⁴. Ambos, Futurismo e obra fictícia, admitem que os livros não devem existir e que devem ser glorificados a tecnologia, o avanço. Mas ao mesmo tempo que concordam em alguns pontos em outros discordam. Mais precisamente pelo fato de que os futuristas queriam romper com o passado, com a arte vinda antes deles e em A.M.N a ruptura foi alcançada e se tornou o status

¹² MARINETTI, 1909

¹³ HUXLEY, 2008, P. 265

¹⁴ MARINETTI, 1909

quo. Não era preciso a rebeldia, a violência exaltadas por Marinetti: “A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia”¹⁵. O conflito é totalmente eliminado em A.M.N. exceto por momentos bem específicos e controlados como as duas experiências antropológicas promovidas pelo E.M., a “experiência de Chipre”¹⁶ e John introduzido na sociedade civilizada. E ambas terminam sem desestabilizar a ordem social.

No terceiro ponto do manifesto de Marinetti percebe-se que o tipo de arte defendida por ele seria para causar sensações e não a reflexão: “A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o estase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo da corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco”. Essa diretriz está presente em A.M.N. com seus filmes sensíveis (feitos apenas para estimular os sentidos e na maior parte das vezes sem uma história de fundo) e seus versos sem profundidade produzidos pelos engenheiros emocionais.

E mais um ponto em comum entre a realidade e ficção: a glorificação da tecnologia, da ciência.

“Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... uma automóvel rugidor, que correr sobre a metralha, é mais bonito que a vitória de Samotrácia”¹⁷

Em A.M.N., a glorificação não é necessária pois a sociedade, o modo de vida desse mundo só é possível graças a ela; no passado desse mundo escolhas que levaram a criação desse mundo tecnológico e como resultado valores considerados importantes no presente foram descartados. Entretanto, apesar da tecnologia ser responsável pela existência dessa realidade é preciso lembrar que até ela deve se submeter à estabilidade e que qualquer avanço precisa ser cautelosamente examinado e banido caso cause desequilíbrio.

“- Sim - continuou Mustafá Mond - , essa é a outra parcela no custo da estabilidade. Não é somente a arte que é incompatível com a felicidade, também o é a ciência. Ela é perigosa; temos de mantê-la cuidadosamente acorrentada e amordaçada.
- O quê? -exclamou Helmholtz, assombrado. - Mas nós vivemos repetindo que a ciência é tudo. É um lugar comum hipnopédico.
- Três vezes por semana, dos treze aos dezoito anos - recitou Bernard.
- E toda propaganda que fazemos no colégio...
- Sim, mas que espécie de ciência? Perguntou sarcasticamente Mustafá Mond - Os senhores não receberam instrução científica, de modo que não têm condições de

¹⁵ MARINETTI, 1909

¹⁶ Uma experiência de criar uma sociedade de apenas alfa-mais sem o controle do E.M.. Foi um fracasso devido a competição constante entre seus membros, competição que levou a guerra e ao pedido de súplica dos sobreviventes para o E.M. retomar o controle da área.

¹⁷ MARINETTI, 1909

julgar. Quanto a mim, fui um bom físico, no meu tempo. Bom demais; bastante bom para compreender que toda nossa ciência simplesmente é um livro de cozinha, com uma teoria ortodoxa de arte culinária que ninguém tem o direito de contestar e uma lista de receitas às quais não se deve acrescentar nada, salvo com a autorização do cozinheiro-chefe. Sou eu o cozinheiro-chefe agora. Mas houve um tempo em que eu era apenas um jovem lava-pratos cheio de curiosidade. Pus-me a cozinhar um pouco ao meu modo. Cozinha heterodoxa, cozinha ilícita. Um pouco de ciência verdadeira, em suma.

Calou-se.

- E que aconteceu? - perguntou Helmholtz Watson.

O Administrador suspirou.

- Quase aconteceu o mesmo que vai acontecer aos senhores meus jovens amigos. Estive a ponto de ser enviado para uma ilha.¹⁸

2.4 Fordismo

A primeira ideia e referência inserida pelo autor britânico em A.M.N. é o “Fordismo”. O termo “Fordismo” se refere aos sistemas de produção em massa ou linhas de produção e modelo de gestão idealizados por Henry Ford em 1913 que têm como objetivos racionalizar a produção capitalista e fabricar em massa para atender a um consumo em larga escala. Durante a leitura da trama percebe-se que o Fordismo é um dos pilares dessa sociedade distópica. A reprodução humana não ocorre mais de forma natural e sim em laboratórios onde se “produz” o indivíduo para torná-lo apto ao tipo de trabalho que irá executar no futuro, como uma máquina. Além de produzir as características físicas que cada indivíduo terá no futuro, o Processo Bokanovski permite gerar 96 indivíduos idênticos a partir de um zigoto. Como carros em série, os seres humanos são produzidos e, devido à insuficiência técnica - fato que é lamentado pelo D.I.C.- só se chega a esse limite “Mas ai de nós! - O diretor sacudiu a cabeça. - Não podemos bokanovskizar indefinidamente.”(HUXLEY, 2008, P. 14)

Gramsci, em *Cadernos do Cárcere*, discorre sobre o Fordismo e a questão sexual associada a esse modelo de produção. Um dos aspectos levantados por ele é o comportamento sexual das pessoas em uma sociedade sob o modelo fordista; apesar dessa preocupação parecer puritana ela é proveniente do problema econômico de suprir a mão de obra e de como essa mão de obra vai produzir. Na obra distópica A.M.N. isso foi resolvido em diferentes frentes, não apenas no processo de “criação de seres humanos em série”, mas também na educação comportamental - métodos que a realidade ainda hoje não é capaz de imitar. Se Ford se preocupava em criar um corpo de inspetores para intervir na vida pessoal dos empregados e controlar como eles gastavam seus salários (os maiores medos eram o abuso do álcool e a devassidão sexual), na obra britânica esse controle não era necessário devido ao

¹⁸ HUXLEY, 2008. P. 273

condicionamento desde o nível animal até o psicológico do indivíduo. Em ambos os casos, tanto na realidade como na ficção, o controle da produção se dá através do controle comportamental do trabalhador.

“A verdade é que o novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho não pode ser desenvolvido até que o instinto sexual seja adequadamente regulamentado e até que isso também seja racionalizado.”¹⁹

A diferença se dá que em A.M.N. a promiscuidade, a devassidão é algo desejável exatamente para manter o trabalhador sob controle, bem como a administração de uma dose diária de soma (a droga sem efeitos colaterais) o que difere da realidade na qual essa obra foi criada.

Outro aspecto desagradável é o controle do processo de natalidade, impedindo que a reprodução fosse vivípara, deixando de fora as mulheres e negando a elas o processo natural da maternidade. A necessidade de controlar todo aspecto da vida do funcionário inclusive sua vida sexual em prol da produtividade é extremada na obra fictícia do autor britânico, nessa realidade o indivíduo já nasce preparado para assumir o trabalho que desempenhará no futuro. Também seus números precisavam ser planejados, controlados para evitar o problema de baixa na produtividade e falta de estabilidade, o que a reprodução vivípara não proporciona e sim o método Bokanovsky (que permite a criação de 96 indivíduos idênticos fato ajuda a suprir a necessidade de padronização e estabilidade).

A respeito dos requisitos desejáveis em um trabalhador no modelo fordista, esse deveria ser especializado no seu serviço, alienado quanto as outras partes do trabalho. A padronização do trabalho evitaria a fadiga (aumentando a produtividade) e traria satisfação ao empregado. Em A.M.N. essas questões são resolvidas com a manipulação genética (o método Bokanovsky), com a educação behaviorista (associar sentimentos, sensações desagradáveis em tudo que prejudicasse a concentração do trabalhador e conseqüentemente a produção) e finalmente com propaganda baseada na psicologia e na hipnopédia formando o trabalhador ideal para as fábricas. Todas essas soluções antiéticas foram permitidas devido ao medo do caos, do descontrole que o mundo em um determinado momento experimentou em A.M.N., da necessidade de estabilidade que apenas em um mundo padronizado seria possível, por mais desumano que seja determinar as características físicas de um feto e seu futuro nesse mundo

¹⁹ GRAMSCI, 1999, pág. 588 “The truth is that the new type of man demanded by the rationalisation of production and work cannot be developed until the sexual instinct has been suitably regulated and until it too has been rationalised.”

Conclusão

A criação de Admirável Mundo Novo estava envolvida em indagações e preocupações de um homem em um determinado período histórico. Questões sensíveis que surgiram em decorrência de seu intelecto, sensibilidade artística e momento histórico foram abordadas em sua obra: aumento do controle sobre a população, estabilidade x liberdade, sensibilidade x felicidade. A construção de toda a trama envolveu o levantamento desses quesitos.

Em um mundo onde a liberdade diminuía e o controle dos governos sobre as vidas das pessoas aumentava, surgiam diversas perguntas. É racional acabar com a família? É. É justo proibir tudo aquilo que lembre um passado que quase levou à destruição? Sim. Mas ao mesmo tempo é injusto acabar com a liberdade de cada indivíduo e com sua sensibilidade.

A.M.N. foi escrito para alertar sobre alguns perigos que Aldous Huxley já tinha identificado antes de 1930, como o excesso de controle por parte do Estado e as consequências derivadas desse controle sobre cada indivíduo. Se hoje podemos afirmar que a pena de morte é a maior intervenção que o Estado faz na vida de um indivíduo, nessa distopia a própria existência do indivíduo é decorrente do Estado e de sua necessidade de controlar cada aspecto da vida de cada membro do corpo social ou seja a própria sociedade.

O resultado da pesquisa mostrou que a obra foi construída a partir de várias realidades as quais o autor entrou em contato. Apesar de A.M.N. não ser uma obra coletiva como uma lenda, apresenta claramente o testemunho de uma época incerta em que alguns perigos pareciam mais próximos para aqueles que conseguiam usar a imaginação. Os fatos que Huxley presenciou ajudaram a formar a construção dessa representação sobre o futuro. Pode-se afirmar que, segundo a fonte, tal futuro aparentemente positivo exige sacrifícios que muitas pessoas hesitariam validar. Entretanto, nas palavras do A.M. após explicar sobre a guerra, fome e inabilidade dos políticos de aceitarem as inovações que seriam os pilares desse futuro, fica finalmente a escolha que era necessária fazer: “ - A Guerra dos Nove Anos, O Grande Colapso Econômico. Era preciso escolher entre a Administração Mundial e a destruição. Entre a estabilidade e ...”^(HUXLEY,2008.P. 62)

Uma visão em um primeiro plano dá uma visão otimista de que a humanidade vai seguir em frente apesar dos problemas, mas que exige o sacrificio de valores sociais como “os homens nascem e são livres e iguais em direitos.”²⁰ e da família, do amor como conhecemos.

²⁰ Primeiro artigo da declaração dos direitos do homem e do cidadão disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da->

A ciência, como já foi citado, permite que esse mundo exista, mas é em decorrência das escolhas dos antepassados desses homens que essa sociedade surge e se transforma em um relógio no qual as engrenagens devem sempre funcionar pontualmente. É o homem que acaba criando uma armadilha para ele próprio, escolhendo uma estabilidade sem dor (satisfazendo o Id.) e negando a liberdade e a felicidade para aqueles que questionam esse mundo. Igualmente o contexto no qual o autor estava inserido, de entre guerras, queda dos regimes liberais, novas tecnologias, concordava com uma visão pessimista do presente; apesar que era possível ele ter escrito uma história de caráter oposto ao de Admirável Mundo Novo, uma história que no fim enfatizaria a esperança no futuro. Entretanto, a obra é clara quanto a esse pessimismo, a essa falta de fé na humanidade e à deformação da sociedade para seguir em frente. E o que assusta ainda na leitura desse livro é o fato de que nosso presente, 83 anos após ele ser lançado, é capaz de criar “expectativa” no leitor, pois as questões levantadas na obra ainda são pertinentes e até mais próximas, como o controle excessivo do Estado/Instituições sobre os indivíduos, a questão ética da manipulação genética de organismos, a satisfação instantânea dos desejos e a pergunta que é colocada diariamente a todos que têm consciência sobre o mundo: felicidade ou estabilidade? Aquilo que nos faz feliz de acordo com nossos ideais ou uma estabilidade satisfatória que sacrifica a consciência?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDOUS HUXLEY. In: Wikipedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Aldous_Huxley. Acesso em: 20 de mar. 2014

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985

CARDOSO, C. F. S.. *A ficção Científica, Imaginário do mundo contemporâneo: Uma introdução ao gênero*. 1. ed. Niterói: Vício de Leitura, 2003

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. N. 11, v 5, 1991.

FREUD, S. “O mal estar na civilização”. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905), In: Freud Sigmund. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre a Sexualidade e Outros Trabalhos (1901 – 1905) RJ: Imago, 2006 V. VII [p.119 - 231].

FUTURISM. In: Wikipedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Futurism>. Acesso em: 9 de abr. 2014

GRAMSCI, Antonio In: American and Fordism in: Selection Prison Notebooks. Disponível em <<http://www.walkingbutterfly.com/wpcontent/uploads/2010/12/gramsci-prison-notebooks-vol1.pdf>> acessado em: 6 de mar. 2014.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX*. 2ª edição. Companhia das Letras, 2004.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Impérios*. 11ª edição. Paz e Terra.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. 2ª edição. Globo, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MARINETTI, Filippo Tommaso. *Manifesto Futurista*. Le Figaro, Paris, 20 de fevereiro de 1909. Disponível em <http://www.italianfuturism.org/manifestos/foundingmanifesto>> Acessado em: 9 de abr. 2014.

NETO, João da Silva Carvalho. *A relação edipiana na contemporaneidade*. Novos formatos para a constituição das neuroses. Saquarema, 2010 (dissertação de mestrado). Disponível em: <http://www.joaocarvalho.com.br/downloads/monografia_edipo.pdf> Acessado em: 5 de abr. de 2014.

PESAVENTO, Sandra Jathay. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995. Disponível em <http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14> Acessado em: 29 de maio de 2014.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e História cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e Literatura: uma velha nova história*. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acessado em: 27 de fev. 2014
HOBSBAWM, Eric, *Era dos Impérios*. 11ª Edição. Paz e Terra, 2007.

ROTH, Michael S. *Thinking Utopia*. In: *Steps Into Other Worlds*. Disponível em <http://books.google.com.br/books?ie=UTF-8&vid=ISBN157181440X&id=3ye0vWc85eYC&pg=PA230&lpg=PA230&dq=John+Stuart+Mill+dystopia+1868&sig=YesYZ8kSJZghi2NdHdOQdZ0nDTk&redir_esc=y#v=onepage&q=John%20Stuart%20Mill%20dystopia%201868&f=false> Acessado em: 19 de mar. 2014.

WILSON, David. *A História do Futuro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Anexos

Manifesto Futurista

1. Queremos cantar o amor do perigo, o hábito à energia e à temeridade.
2. A coragem, a audácia e a rebelião serão elementos essenciais da nossa poesia.
3. Até hoje a literatura tem exaltado a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono. Queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, a velocidade, o salto mortal, a bofetada e o murro.
4. Afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um carro de corrida adornado de grossos tubos semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia.
5. Queremos celebrar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada a toda velocidade no circuito de sua própria órbita.
6. O poeta deve prodigalizar-se com ardor, fausto e munificência, a fim de aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.
7. Já não há beleza senão na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças ignotas para obrigá-las a prostrar-se ante o homem.
8. Estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveremos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Vivemos já o absoluto, pois criamos a eterna velocidade omnipresente.
9. Queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo -, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo da mulher.
10. Queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de todo o tipo, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária.
11. Cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela

sublevação; cantaremos a maré multicolor e polifônica das revoluções nas capitais modernas; cantaremos o vibrante fervor noturno dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas luas elétricas: as estações insaciáveis, devoradoras de serpentes fumegantes: as fábricas suspensas das nuvens pelos contorcidos fios de suas fumaças; as pontes semelhantes a ginastas gigantes que transpõem as fumaças, cintilantes ao sol com um fulgor de facas; os navios a vapor aventureiros que farejam o horizonte, as locomotivas de amplo peito que se empertigam sobre os trilhos como enormes cavalos de aço refreados por tubos e o voo deslizante dos aviões, cujas hélices se agitam ao vento como bandeiras e parecem aplaudir como uma multidão entusiasta.